

# A DERIVAÇÃO SUFIXAL A PARTIR DE VERBOS INERGATIVOS E INACUSATIVOS: UMA CONSTRUÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA

## SUFFIXAL DERIVATION IN UNERGATIVE AND UNACCUSATIVE VERBS: A SEMANTIC AND SYNTACTIC CONSTRUCTION

Tatyane Pâmella Ribeiro de Freitas  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
tatyane\_pamella@hotmail.com

### RESUMO:

O processo de formação de palavras por derivação sufixal tem relação direta com as funções semânticas (noções de papel temático) e sintáticas (inergatividade e inacusatividade) da língua. Tendo em vista esse panorama, este artigo pretende discutir e aprofundar acerca dos sufixos que influenciam a criação de deverbais com papel temático ora de agente, ora de paciente. Dessa forma, pretende-se analisar se palavras formadas a partir de verbos inergativos e inacusativos expressam as noções semânticas de agente ou de paciente e, também, analisar quais sufixos são aceitos por esses verbos. Esta pesquisa ancora-se em Miotto, Silva e Lopes (2007), Souza (2018), Xavier (2016), Rocha (2008), Ciríaco e Cançado (2004) e Cançado (2005) e a análise dos dados nasce de nove exemplos mencionados por alguns desses autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de Palavras. Sufixação. Inacusatividade. Inergatividade. Papel temático.

### ABSTRACT:

The word formation process by suffixal derivation is directly related to the semantic (thematic role notions) and syntactic (unergativity and unaccusativity) roles of the language. In light of this, this article aims to examine and to deepen the study about these suffixes, which influence the creation of deverbal nouns with thematic role, that can be agent or patient. Thus, we intend to analyze if words formed from unergative and unaccusative verbs express the semantic notions of agent or patient and. Moreover, it is our purpose to investigate which suffixes are accepted by these verbs. This research is based on Miotto, Silva and Lopes (2007), Souza (2018), Xavier (2016), Rocha (2008), Ciríaco and Cançado (2004) and Cançado (2005). The data analysis is from nine examples mentioned by some of these authors.

KEYWORDS: Word formation. Suffixal derivation. Unergativity. Unaccusativity. Thematic role.

## Introdução

Os papéis semânticos e gramaticais da língua contribuem para a compreensão de cada item lexical e suas respectivas funções dentro das sentenças. Partindo dessa premissa, percebe-se a importância deste estudo como forma de aprofundar os conhecimentos linguísticos, para que conheçamos, cada vez mais, o funcionamento do processo de formação de palavras e a sua implicação sintático-semântica nas orações relacionadas aos verbos inergativos e inacusativos e à noção de papel temático que veremos na seção 3.

Este artigo dedica-se ao objetivo principal de verificar se palavras formadas a partir de verbos inergativos e inacusativos expressam as noções semânticas ligadas aos argumentos selecionados por tais verbos. Além disso, os objetivos específicos são: (a) compreender a relação entre sintaxe (estrutura argumental) / semântica (papéis temáticos) e formação de palavras; (b) compreender a relação de papéis temáticos de agente e de paciente e determinados sufixos; (c) verificar se os verbos inergativos selecionam, de fato, argumentos com papel temático de agente e se verbos inacusativos selecionam realmente argumentos com papel temático de paciente.

Para contemplarmos tais objetivos, selecionamos nove sentenças que podem ser encontradas nos estudos de Xavier (2016), Souza (2018) e Ciriaco e Cançado (2004), sendo quatro exemplos para investigar os objetivos citados em relação aos verbos inergativos e cinco exemplos para investigar as questões que circundam os verbos inacusativos. Em primeira instância, realizaremos uma análise qualitativa e depois, nos resultados, traremos a análise quantitativa para que a pesquisa seja efetivamente compreendida.

Os verbos inergativos e inacusativos são verbos intransitivos, isto é, são verbos que não reclamam um complemento para ter sentido completo. No entanto, ambos têm diferenças significativas: o verbo inergativo seleciona um argumento externo como em “João gargalhou” (XAVIER, 2016, p. 79), sendo “João” o argumento externo que foi selecionado pelo verbo gargalhar; o inacusativo, por sua vez, seleciona um argumento interno que pode estar tanto na posição de sujeito como em “A conta chegou” quanto na posição de objeto direto “Chegou a conta”. Outra característica marcante que diferencia os dois

verbos é que o verbo inergativo não aceita a ordem inversa da sentença como “\*Gargalhou João”, enquanto o verbo inacusativo permite e podem ser formadas sentenças gramaticais a partir da inversão, como vimos acima.

Além da mudança sintática que foi evidenciada acima, há a distinção semântica entre os argumentos selecionados pelos verbos inergativos e inacusativos: geralmente, o argumento externo do verbo inergativo tem, em sua formação, função de desencadear uma ação, derivando uma noção de agentividade, isto é, um argumento que promove ação dentro da sentença; já o argumento interno do verbo inacusativo, tem, em sua formação, função de passividade, porque expressa noção de ser que sofre ou recebe a ação.

Observe que, na sentença “João gargalhou”, o argumento “João” expressa, juntamente com o verbo que o selecionou, a noção de agente da ação. Essa agentividade é um tipo de papel temático, isto é, a função semântica dentro da sentença. Já na sentença “A laranja apodreceu”, vemos que o argumento “A laranja” não pratica a ação, mas a sofre, assumindo, portanto, papel temático de paciente. Sendo assim, percebe-se que o papel temático refere-se ao valor semântico que cada argumento assume nas sentenças.

Observando o processo de formação de palavras, podemos inserir o sufixo -dor - que é um sufixo de agentividade - ao verbo correr, formando a palavra “corredor”, gerando a sentença “João é corredor”, mas não podemos inserir nesse verbo o sufixo -ível - que é um sufixo que expressa papel temático de paciente - para formar a palavra “\*corrível”. Sendo assim, não podemos formar a sentença “\*João é corrível”.

Como base para a nossa pesquisa, utilizamos os estudos de autores como Mito, Silva e Lopes (2007), Ciríaco e Caçado (2004), Xavier (2016) e Souza (2018), para compreender os conceitos de inergatividade e inacusatividade; Caçado (2005) para apreender as questões acerca dos papéis temáticos; e Cegalla (2010), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2009) e Rocha (2008) para assimilar as noções da derivação sufixal.

O nosso artigo se organizará da seguinte maneira: Na seção 1, faremos uma abordagem sobre o processo de formação de palavras dentro da morfologia. Na seção 1.1, explanaremos as noções acerca da derivação sufixal. Em seguida, discutiremos sobre a definição de verbos inacusativos e inergativos na seção 2; na seção 2.1, evidenciaremos a relação desses verbos monoargumentais com os argumentos que podem ter características [+ ou - animadas] e na seção 2.2, as noções de papéis temáticos. Feita a discussão teórica, analisaremos o *corpus* na seção 3, evidenciando todos os objetivos citados anteriormente e os resultados

na seção 3.1. Por fim, na seção 4, faremos as considerações finais, trazendo a nossa visão acerca do resultado da pesquisa.

## 1. Morfologia: processo de formação de palavras

A morfologia lida diretamente com vários processos que envolvem a palavra e suas possíveis modificações, podendo a palavra sofrer flexão (compulsória) ou derivação (intencional). A primeira refere-se às desinências de número, pessoa e gênero; a segunda refere-se aos processos de sufixação, processos de prefixação ou parassínteses - sendo o último a inserção de um prefixo e de um sufixo simultaneamente em um mesmo radical.

Rocha (2008) considera apenas três processos formadores de palavras: a derivação, a composição e a onomatopeia. A derivação pode ocorrer por prefixação, sufixação ou parassíntese; a composição pode ocorrer por aglutinação, que é quando uma palavra se junta a outra com perda de um fonema ou alteração de um deles (ex.: boquiaberto - boca + aberto), ou por justaposição, que é a junção de duas palavras sem alteração de fonemas (ex.: rodovia).

Encontramos, porém, outra consideração na perspectiva do Cegalla (2010). O autor considera cinco processos de formação de palavras, sendo eles: derivação, composição, redução, hibridismos e onomatopeias. Na derivação, o gramático ainda traz a noção de derivação regressiva, que se refere à substituição da terminação de um verbo pelas desinências -a, -o ou -e (CEGALLA, 2010, p. 97) como em (mudar - muda). Concordando com Rocha (2008), essa questão da derivação ser regressiva é muito complexa, porque, em alguns exemplos, a regressão funcionará como a regra manda, mas em outros não, como em (atacar - ataque). No último exemplo, não há nenhuma regressão, há apenas substituições. Dessa forma, assumimos com Rocha (2008) que a derivação regressiva não existe, o que existe é um sufixo Ø encaixando-se, portanto, na categoria de derivação sufixal, mas não aprofundaremos nessa questão por não ter ligação direta com o *corpus* do nosso trabalho.

Existem diversos processos de formação de palavras, que foram anteriormente citados, entretanto, utilizaremos apenas o processo de sufixação como aporte para este artigo, porque é esse que nos possibilita a percepção dos papéis temáticos de agente e de paciente subjacentes às palavras que são derivadas de verbos, também chamadas de deverbais.

A definição de sufixo que encontramos na gramática de Cegalla (2010, p.102), aponta que:

são elementos (isoladamente, insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Ao mesmo tempo que alteram a significação do vocábulo originário [...], podem ainda mudar-lhe a classe gramatical [...], o gênero [...] ou o grau [...]. Além disso, podem ser classificados em nominais, verbais ou adverbial.

Temos, aqui, uma definição totalmente normativa. No entanto, os sufixos, quando utilizados na língua oral, podem assumir outras formas que não são essas definidas pela gramática tradicional. Por exemplo, se uma pessoa diz: “aquele rapaz é **conseguidor**”, utilizou-se um sufixo que representa, majoritariamente, uma profissão, e designou esse mesmo sufixo a um radical, formando uma palavra que não pode ser encontrada em dicionários tradicionais. No entanto, os falantes entendem quando essa fala é reproduzida, porque na gramática mental que todos têm, associa-se esse sufixo a uma palavra relacionada à profissão ou agentividade, compreendendo, portanto, que “**conseguidor**” é uma pessoa que consegue muitas coisas.

Consoante Rocha (2008, p. 106), o “sufixo é uma forma presa recorrente, que se coloca à direita da base, caracterizando assim uma palavra derivada”. O autor considera ainda que o sufixo não tem um significado próprio se destacado da palavra, ou seja, esse fenômeno da língua só emite sentido quando justaposto a uma base ou radical.

Dentro da sufixação, temos uma variedade de classificações: sufixos homófonos são aqueles que “apresentam a mesma sequência fonética mas sentidos e/ou funções diferentes, como –al e –al<sup>2</sup>, de laranjal e de semanal, por exemplo” (ROCHA, 2008, p.107). Já os sufixos concorrentes são caracterizados por terem uma produção fonética completamente distinta, mas que representam o “mesmo significado” como em florista e pescador, que geram a ideia de agentividade.

Temos ainda os sufixos categoriais que alteram a classificação lexical da palavra; os significativos, que produzem certo conteúdo descritivo quando acrescentado à palavra: conquistar – conquistador (agente); Temos também os não significativos, que não alteram a classe gramatical em relação à base. E por fim, há os sufixos produtivos que podem gerar novas palavras e os improdutivos que, apesar de serem recorrentes na língua, não tem a capacidade de formação de novas palavras.

Em se tratando dos sufixos que expressam agentividade, Cunha e Cintra (2009) consideram que os sufixos -ante, -ente, -inte juntam-se à palavras para assumir a função de agente; o sufixo -dor como agente ou instrumento da ação; o sufixo -eiro como ocupação, profissão, o que expressa também a noção de agente da ação (ex.: secretário, operário, barbeiro, copeira, estudante, navegante, afluente, combatente[...])” (CUNHA; CINTRA, 2009, p. 69-70).

Bechara (2009) diz que os principais sufixos formadores de nomes de agente são: -eiro, -eira, -dor, -sor, -or, -nte, -ista, -ário e -ária (ex.: “narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor, estudante, requerente, ouvinte, dentista, jornalista, lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro, bibliotecária, secretário”) (BECHARA, 2009, p. 91).

E por fim, Cegalla (2010) diz que os sufixos -ário, -eiro, -dor, -sor, -tor, -nte denotam profissão, ofício, agente e também formam adjetivos (ex.: “bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte, contrário, consolador”) (CEGALLA, 2010, p. 103). Vemos, portanto, que os autores mencionados, apesar da pequena mudança de categorização entre um e outro, expressam o mesmo raciocínio para explicar as funções de agente e de paciente nos sufixos apresentados.

Feita a discussão sobre o processo de derivação sufixal, partiremos agora para a explicação sobre os verbos inergativos e inacusativos e em que consistem as diferenças que sustentam as duas classificações dos verbos intransitivos ou monoargumentais.

## **2. Os predicadores das sentenças: verbos inacusativos e inergativos**

Os verbos inacusativos e inergativos são denominados de verbos monoargumentais por selecionarem apenas um argumento na composição de uma sentença. Estamos, então, falando de verbos intransitivos, ou seja, verbos que não pedem complemento (objeto direto ou indireto). Entretanto, existem diversas diferenças sintáticas e semânticas entre eles que explicitaremos a seguir.

Inicialmente, um verbo inacusativo pode ser concebido como um verbo intransitivo que seleciona um argumento interno, que pode estar tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto. Sendo assim, embora possamos encontrar um argumento acompanhando um verbo inacusativo na posição de sujeito, esse argumento será um argumento interno. Já o verbo inergativo seleciona apenas o argumento externo na posição de sujeito (SOUZA, 2018),

visto que, quando colocado junto a um argumento interno, a sentença torna-se agramatical, porque seus traços semânticos não soam naturalmente com esse tipo de argumento.

Mioto, Silva e Lopes (2007, p. 121) reiteram que “assim, os participantes de um evento denotado pelo verbo são os argumentos do verbo e o verbo é um predicado que define propriedades e/ou relações entre os argumentos”. Dessa forma, o verbo que determina os argumentos que o acompanharão na sentença e é esse também que determina as funções semânticas, isto é, os papéis temáticos assumidos pelos argumentos.

Entretanto, a língua em funcionamento põe em questionamento essa definição de argumento externo e interno. A regra ocorre da maneira como assinalamos acima, no entanto, há exceções que ocorrem na língua que merecem ser destacadas. Vejamos o exemplo destacado por Mioto, Silva e Lopes (2007, p. 149): “\*O João parece que a Maria enfrenta os problemas com coragem”. Nessa frase, percebe-se que o verbo parecer não seleciona argumento externo, então o sintagma nominal “O João”, antes do verbo, não tem papel temático, tornando, assim, a sentença agramatical.

Outro exemplo apontado pelos autores: “A Maria parece enfrentar os problemas com coragem” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2007, p. 149). Aqui, aparentemente, o argumento “A Maria” seria o argumento externo do predicador “parecer”, no entanto, como já vimos, esse verbo não seleciona argumento externo, fazendo com que o sintagma nominal “A Maria” seja sujeito do verbo parecer, mas assuma papel temático Ø.

Dentro da categoria dos inacusativos, têm-se os inacusativos com complementos (quasi) sentenciais, que são os verbos de ligação que expressam não sentido de ação, mas de estado. De acordo com Mioto, Silva e Lopes (2007), esses verbos de ligação podem estar no infinitivo com verbo auxiliar + verbo principal como no exemplo: “A Maria **deve trazer** a mochila dela” ou podem estar no gerúndio como em “A Maria telefonou **chorando**”. “Esta classe é denominada classe dos aspectuais, assim chamados por atuarem sobre o evento denotado pelo verbo encaixado marcando aspecto durativo/não-acabado” (MIOTO; SILVA; LOPES, p. 2007, p. 155).

Para além dessas noções, Ciríaco e Cançado (2004) ainda dizem a respeito de uma flexibilidade que devemos considerar na categorização dos verbos inergativos e inacusativos. De acordo com as autoras, há a “possibilidade de alguns verbos possuírem tanto propriedades inacusativas como inergativas” (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 211). Diante disso, pode-se verificar os

verbos mediante a prototipicidade desses em relação à inacusatividade e à inergatividade, ou seja, pode-se verificar se o verbo assume mais características de verbo inergativo ou de inacusativo.

Então, as autoras classificaram, na pesquisa delas, os verbos mistos que tinham mais características de inergatividade, de verbos inergativos menos prototípicos, sendo eles: “sentar, dormir/repousar, suar e transpirar” (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 222); e classificaram os verbos mistos que tinham mais características de inacusatividade, de verbos inacusativos menos prototípicos, sendo eles: “adoecer, cair, decair, desfalecer, despertar, fracassar, amadurecer e sair” (CIRÍACO; CANÇADO, 2004, p. 222).

Diante da flexibilização quanto à classificação das autoras, podemos compreender o quão pode ser difícil encaixar os verbos na inacusatividade ou inergatividade, se levarmos em consideração o âmbito de cada verbo, em diferentes situações de fala. Dessa forma, ainda que os verbos estejam dentro de uma mesma classe gramatical, deve-se compreender que cada verbo promove uma atenção diferenciada em relação às noções sintáticas e/ou semânticas.

### ***2.1 Os verbos em relação aos argumentos [+ ou - animados]***

Há outra relação de sentido existente entre os verbos e os argumentos. De acordo com Souza (2018), os verbos inacusativos, geralmente, não selecionam argumentos com traços [+animados], mas ocorrem naturalmente com argumentos [-animados]. Por isso, seria impossível uma sentença como “\*A pedra sorriu”, pois se refere a um verbo inergativo e, apesar de se tratar de um argumento [-animado], o verbo utilizado seleciona, em sua formação, um argumento [+animado], mostrando que, para ser argumento do verbo “sorrir”, o argumento precisa ter características de agente para assumir papel temático de agentividade. Dessa forma, vemos que a pedra não pode sorrir, porque é um objeto inanimado, podendo ocorrer dessa maneira apenas na escrita literária, por meio da personificação.

Os verbos inergativos também fazem restrição quanto aos argumentos. Esses verbos, geralmente, não selecionam argumentos com traços [-animados], porque esse tipo de verbo seleciona argumentos com papel temático de agente, ou seja, o argumento precisa ser [+animado] para ter condições de ser o desencadeador de uma ação.

Compreende-se, então, a partir das noções supracitadas, que os verbos inergativos e inacusativos são verbos monoargumentais, mas, como já dito anteriormente, eles têm diversas diferenças sintáticas e semânticas, o que



exige uma categorização e nominação diferente para cada um, evidenciando, assim, que, apesar de fazerem parte de uma mesma “classe argumental”, têm propriedades distintas.

## **2.2 A noção de papéis temáticos**

Sabe-se que cada palavra tem uma função sintática dentro da sentença, levando em consideração vários contextos diferentes. Essas funções podem variar de acordo com a posição que a palavra ocupa dentro de determinada oração. No entanto, para além das noções sintáticas, essas mesmas palavras, que chamamos semanticamente de itens lexicais, assumem um papel temático, ou seja, estabelecem uma rede de sentidos com os outros itens lexicais que compõem a estrutura frasal. Por mais que as funções sintáticas de determinado item lexical se alterem nas sentenças, dependendo do contexto, a função semântica ou papel temático será sempre o mesmo, pois é algo constitutivo do argumento que o verbo (predicador) seleciona para compor uma oração.

Consoante Cançado (2005, p. 107-108), os papéis temáticos assumem relações de diversas ordens. Podem ter funções de:

1. agente: o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle. Ex.: “O ladrão roubou a joia”;
2. causa: o desencadeador de alguma ação, sem controle. Ex.: “As provas preocupam a Maria”;
3. instrumento: o meio pelo qual a ação é desencadeada. Ex.: “O João colou o vaso com cola”;
4. paciente: a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado. Ex.: “O João quebrou o vaso”;
5. tema: a entidade deslocada por uma ação. Ex.: “A bola atingiu o alvo”;
6. experienciador: ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico. Ex.: “O João pensou na Maria”;
7. beneficiário: a entidade que é beneficiada pela ação descrita. Ex.: “O João de um presente para a Maria”;
8. objetivo: a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo ou seja afetada por algo. Ex.: “O João leu um livro”;
9. locativo: o lugar em que algo está situado ou acontece. Ex.: “Eu nasci em Belo Horizonte”;
- 10) alvo: a entidade para onde algo se move. Ex.: “A Sara jogou a bola para o policial”;
10. fonte: a entidade de onde algo se move. Ex.: “O João voltou de Paris”.

Diante dos exemplos apresentados, percebemos que a situação é que vai ordenar os papéis para cada item lexical. Um exemplo é a mesma oração na voz ativa e na voz passiva: o agente move-se de lugar mantendo as relações semânticas de quem pratica a ação e de quem a sofre.

Veja que na sentença “A menina sorriu” o argumento “A menina” assume papel temático de agente, pois é ela quem desencadeia a ação de sorrir. Na sentença “A pedra rolou”, o argumento “A pedra” recebe a ação de rolar, portanto assume papel de paciente, tendo em vista que a pedra, por ser um ser [- animado], não pode desencadear a ação de rolar, ainda que esteja na posição de sujeito, e, na sentença “Rolou a pedra”, o argumento “a pedra” continua assumindo papel temático de paciente, mostrando que a função sintática (sujeito ou objeto) pode não influenciar na função semântica (agente ou paciente).

### 3. Análise do *corpus*

Apesar da visão de Ciríaco e Cançado sobre a possibilidade de um verbo ter traços inacusativos e inergativos, em nossa análise, consideraremos para classificação as características de inacusatividade ou de inergatividade do verbo, adequando-o a uma ou outra categoria, sem categorizar como mais ou menos prototípico. Encontramos em Ciríaco e Cançado (2004, p. 213) o seguinte exemplo:

Ex.1: João **correu** ontem.

No exemplo 1, temos um verbo inergativo, porque o verbo “correr” selecionou o argumento externo “João” e não aceita a forma inversa da sentença (\*<sup>1</sup>correu João ontem). Percebe-se, ainda, que o verbo correr aceita naturalmente o sufixo -dor, podendo formar uma sentença como esta: “João é corredor”. Vejamos, no entanto, que o sufixo -ível não pode ser aplicado no verbo correr, visto que esse sufixo geralmente é ligado aos verbos que expressam papel temático de paciente. Dessa forma, a sentença “João é corível” não é possível porque o verbo correr só aceita o sufixo -dor como forma de expressar agentividade, derivando “corredor”, e, para corroborar esse fato, o argumento externo “João” assume também, nessa sentença, papel temático de agente.

---

<sup>1</sup> Sentença agramatical.

Ex. 2: O estudante **viajou**.<sup>2</sup>

No exemplo 2, o verbo “viajar” é um verbo inergativo, pois selecionou o argumento externo “o estudante” e não aceita o argumento posposto como (\*viajou o estudante). Observa-se, ainda, que o verbo “viajar” ocorre naturalmente e gramaticalmente com o sufixo -nte, que é um sufixo formador de palavras que exprimem agentividade. Dessa forma, é totalmente possível a sentença “O estudante é viajante”, com um deverbal que assume papel temático de agentividade; no entanto, não há possibilidade de realizarmos uma sentença como “\*O estudante é viajável”. Ademais, vemos que o deverbal “estudante”, com o sufixo -nte, também assume papel temático de agente.

Ex. 3: A menina **telefonou**.<sup>3</sup>

Acima, vemos que o verbo “telefonar” seleciona o argumento externo “a menina”. Por isso, podemos afirmar que ele é um verbo inergativo, pois verbos inergativos selecionam argumentos externos. No entanto, nesse caso, há uma exceção, pois, mesmo que o verbo seja inergativo, ele pode aceitar, com menor frequência, a inversão da frase, como em “Telefonou a menina”, levando em consideração que alguém já esteja esperando a ligação da menina. Diante disso, deduzimos que o verbo “telefonar” aceita naturalmente o sufixo -ista como na sentença “A menina é telefonista”, mas também pode aceitar o sufixo -vel, em determinado contexto, ainda que seja menos comum que o sufixo agentivo, sendo possível, portanto, uma sentença como “A menina é telefonável”.

Desse modo, percebe-se que o verbo “telefonar”, em termos de prototipicidade, é menos prototípico do que os outros verbos inergativos apresentados, uma vez que ele aceita, em determinada circunstância, a passividade e, também, a inversão da sentença.

Ex. 4: Ele **nadô**.<sup>4</sup>

O verbo “nadar” é um verbo inergativo, devido ao fato de selecionar o argumento externo “ele” e aceitar o argumento apenas na posição de sujeito, formando a ordem SV (sujeito + verbo). Além disso, podemos acrescentar o

---

<sup>2</sup> (SOUZA, 2018, p. 103).

<sup>3</sup> (SOUZA, 2018, p. 103).

<sup>4</sup> (SOUZA, 2018, p. 131).

sufixo -dor no verbo “nadar” para formar o deverbais “nadador” - que exprime papel temático de agente - em uma sentença como “Ele é nadador”, formando, assim, uma oração gramatical. Mas não podemos acrescentar a esse verbo o sufixo -vel, pois teríamos, então, uma sentença agramatical “\*Ele é nadável”. A agramaticalidade se deve ao fato de que o argumento externo “ele” expressa função de agente, ou seja, ele desencadeia a ação de nadar e não pode, portanto, sofrer essa determinada ação.

Ex. 5: **Machucô** mia baiga (barriga).<sup>5</sup>

Vemos, nesse exemplo, que o verbo “machucar” é inacusativo, uma vez que esse seleciona o argumento interno “mia baiga” e aceita tanto a sentença do exemplo 5 quanto a sentença “Mia baiga machucô”. Acrescentando o sufixo -vel no verbo “machucar”, poderemos ter uma sentença gramatical como “Minha barriga é machucável”, mas não podemos acrescentar um sufixo como -ora, que expressa agentividade, porque a sentença, então, se tornaria agramatical “\*Minha barriga é machucadora”. Diante dessas sentenças, afirmamos, portanto, que o deverbais “machucável” e o argumento interno “mia baiga” expressam função de paciente e não podem, portanto, assumir papel temático de agente.

Ex. 6: **Quebô** minha tota (costas).<sup>6</sup>

Diante do exemplo 6, constata-se que o verbo “quebrar” é inacusativo, porque seleciona o argumento interno “minha tota” e aceita o argumento tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto. Coloquemos, então, o sufixo -vel para formar o deverbais “quebrável” em uma sentença como “As minhas costas são quebráveis”. Percebe-se que essa última sentença é gramatical e o verbo comporta o sufixo -vel, porque esse sufixo forma um deverbais que assume papel temático de paciente, aquele/aquilo que sofre a ação. Não podemos, entretanto, utilizar o sufixo -nte - que expressa agentividade - para formar a palavra “\*quebrante” em uma sentença como “\*As minhas costas são quebrantes”, porque esse deverbais, que é inacusativo, assume papel temático de paciente ou tema. Da mesma maneira, o argumento interno “minha tota” não pode desencadear uma ação, mas pode sofrê-la.

<sup>5</sup> (SOUZA, 2018, p. 119).

<sup>6</sup> (SOUZA, 2018, p. 119).

Ex. 7

**Cai** a cabeça dela.<sup>7</sup>

Temos, aqui, o verbo “cair” inacusativo, que seleciona o argumento interno “a cabeça dela” e aceita esse argumento tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto. Pode ser acrescentado a esse verbo o sufixo -vel para formar o deverbais “caível”, que assume papel temático de paciente. Sendo assim, podemos formar a sentença “A cabeça dela é caível” e essa é gramatical e totalmente possível na fala. Já o sufixo -ora não pode ser acrescentado a esse verbo, pois teríamos uma sentença agramatical: “\*A cabeça dela é caidora”. A agramaticalidade ocorre porque o argumento interno “a cabeça dela” tem papel temático de paciente, ou seja, ele não pode assumir função de agente dentro da sentença, pois não faria sentido. Dessa forma, algo externo precisa ser o desencadeador da ação para que a cabeça caia.

Ex. 8: A carta **chegou**.<sup>8</sup>

O verbo “chegar” é um verbo inacusativo, pois aceita o argumento interno selecionado “a carta” tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto. Dessa forma, podemos inserir o sufixo -vel ao verbo “chegar”, formando o deverbais “chegável” como na sentença “A carta é chegável”. Entretanto, não podemos inserir o sufixo -ora como na sentença “\*A carta é chegada”, pois o argumento “a carta”, selecionado pelo verbo “chegar”, assume papel temático de paciente, fazendo com que o verbo não aceite sufixos que expressem agentividade.

Ex. 9: O arroz **queimou**.<sup>9</sup>

O verbo “queimar” é um verbo inacusativo, visto que esse seleciona o argumento interno “o arroz”, que pode ocorrer na posição de sujeito e na posição de objeto, sem prejudicar o sentido. Visto isso, podemos inserir o sufixo -vel no verbo “queimar” para formar o deverbais “queimável” em uma sentença como “O arroz é queimável”, mas não podemos acrescentar o sufixo -dor, por exemplo, porque ele expressa agentividade; Se colocássemos esse sufixo, te-

<sup>7</sup> (SOUZA, 2018, p. 124).

<sup>8</sup> (XAVIER, 2016, p. 161).

<sup>9</sup> (XAVIER, 2016, p. 161).

ríamos, então, uma sentença agramatical “\*O arroz é queimador”. Isso ocorre porque o argumento interno “o arroz” tem papel temático de paciente, ou seja, ele sofre a ação de ser queimado.

Levando em consideração os dados, percebemos que os verbos inacusativos selecionam argumentos com traços [-animados], enquanto os verbos inergativos selecionam argumentos com traços [+animados]. Desse modo, percebe-se também que os verbos inergativos geralmente selecionam argumentos que expressam agentividade, enquanto os inacusativos geralmente selecionam argumentos com papel temático de paciente ou tema.

Por esse motivo, os verbos inergativos prototípicos não aceitaram os sufixos que formam palavras com papel temático de paciente como os sufixos -ível e -vel. Da mesma forma, os verbos inacusativos não aceitaram os sufixos -dor, -nte, -ista, porque eles expressam agentividade. Assim, é lógico refletirmos sobre esses resultados, porque seres [-animados] não podem desencadear algum tipo de ação; diferentemente dos seres [+animados], que têm, em sua natureza, a característica de desencadear diversas ações.

Na análise, encontramos, em quatro verbos inergativos, três ocorrências de argumentos que só assumem papel temático de agente e, em cinco casos de verbos inacusativos, encontramos cinco argumentos que expressam papel temático de paciente, confirmando a afirmativa de que verbos inergativos selecionam argumentos que expressam agentividade, enquanto os verbos inacusativos selecionam argumentos que expressam passividade, mostrando, mais uma vez, a relação existente entre a sintaxe e a semântica dentro das sentenças do português brasileiro.

Embora haja exceções como o caso do verbo “telefonar”, que é inergativo, mas também aceita sufixos passivos e a inversão da sentença (algo que não é comum ocorrer com os verbos inergativos), ainda assim, a maior frequência ocorre com sufixos agentivos. Além disso, para considerar o verbo telefonar com algumas características dos verbos inacusativos, é preciso criar um contexto para que a sentença seja considerada gramatical, ou seja, ele continua sendo mais inergativo que inacusativo.

Vejamos, então, uma tabela que simplifica os nossos resultados.

Relação dos Sufixos com os Verbos Inergativos e Inacusativos	
Verbos <b>inergativos</b>	Aceitam sufixos que expressam função de agente ( <b>-ista, -dor, -nte</b> ).
Verbos <b>inacusativos</b>	Aceitam sufixos formadores de nomes adjetivos que expressam função de paciente ( <b>-ível, -vel</b> ).

## Considerações finais

Diante dos resultados obtidos, observa-se que, no processo de formação de palavras, há critérios bem rígidos no que diz respeito aos sufixos de agentividade e de passividade. Como já vimos, os verbos inergativos geralmente aceitam sufixos que expressam função de agente e os inacusativos geralmente aceitam sufixos que expressam função de paciente. Dessa forma, vemos que palavras podem ser criadas dentro da língua, mas há restrições que levam em consideração a relação sintático-semântica dentro das sentenças.

Além disso, a seleção dos verbos, tanto em relação à sintaxe quanto em relação à semântica, diz muito da lógica que existe nessas relações. Não se trata apenas de um processo estrutural da língua, mas de um processo estrutural, lógico e coerente, que envolve as funções dos itens lexicais no uso efetivo. Esse fato reitera o quanto a língua é viva e o quanto a gramática mental dos sujeitos age nos momentos de associação dos verbos inergativos com argumentos agentes e verbos inacusativos com argumentos pacientes, por exemplo, fazendo as relações interligarem logicamente em um processo rápido e, muitas vezes, inconsciente. Dessa forma, corrobora-se a importância dos estudos linguísticos relacionados à sintaxe e à semântica para entendermos o processo como um todo.

## Referências

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.
- CANÇADO, Márcia. Papéis temáticos. In: CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**. São Paulo: Editora Contexto, . 105-121, 2005. p.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. Sufixos. In: CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 102-116, 2008.

- CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e inergatividade no PB. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, 46(2):207-225, 2004. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637169/4891>>. Acesso em: 11 maio 2018.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Breve gramática do português contemporâneo**. 12. ed. São Paulo: Edições João Sá da Costa, 1998.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. Teoria temática. In: MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. **Novo Manual de Sintaxe**. 3.ed. Florianópolis: Insular, p. 119-164, 2007.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Processo de formação de palavras: a derivação sufixal. In: ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008, p. 95-124.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Um modelo de análise: a regra S-eiro. In: ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. 125-142, 2008.
- SOUZA, Amanda Carvalho. **Os verbos monoargumentais no processo de aquisição da Linguagem**: um estudo à luz da Teoria Gerativa. 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- XAVIER, Gláucia do Carmo. **O estudo do Aspecto em uma perspectiva minimalista**: representação sintática e relações com categorias funcionais e lexicais. 2016. 235 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: < [http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20170623182016.pdf](http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170623182016.pdf)>. Acesso em: 11 maio 2018.

Recebido em 2 de maio de 2019.

Aceito em 16 de agosto de 2019.